

12059  
Série de Notas sobre a Guerra

N.º 53

Col 12  
**A «chave» do mar**

PUBLICADA PELO

**Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa**



**LISBOA**

TYPOGRAPHIA DO ARMADORIO COMMERCIAL

Rua dos Restauradores, 24

1917



# A «chave» do mar

## 1.<sup>a</sup> parte

Como no commercio, o mar tem uma chave, pela qual de certo modo se paga. E' tão antiga essa chave como o casco da Arca de Noé: e se não, perguntai a qualquer marinheiro do mar alto. Isto refere-se, é claro, á marinha mercante. Os homens que fazem parte dessa marinha comprehendem melhor que a maior parte da gente, soldados inclusivé, o que a Alemanha quer e como a Alemanha guerreia.

Uma das muitas tragedias desta guerra está no facto de ficarem envolvidos no misterio, por motivos politicos conhecidos talvez do alto commando, os feitos e os sofrimentos dos marinheiros da marinha mercante. De vez em quando descreve-se um incidente, o qual se repete debaixo de todas as fórmãs até que o publico já se acha farto; porém pela maior parte ficam ignorados. Nalguns dos retiros mais frequentados na visinhança das docas de Londres, Cardiff e Liverpool, Hull e Bristol, ouvem-se muitas anedotas. E' então que se chega a avaliar o futuro que a Alemanha prepara para si. Ela teve um pequeno indicio do que vai na alma do marinheiro quando a União de Marinheiros e

Fogueiros proiliu a viagem de Ramsay Macdonald á Russia. Estará talvez lembrado que outras associações afiliadas doutros paizes ouviram o apêlo e adoptaram a resolução. Terá comprehendido a Alemanha a importancia daquelle acto? Duvido. Os seus estadistas são demasiadamente autoritarios, dogmaticos e, acrescentarei, estupidamente autocraticos para admitir que qualquer combinação internacional possa feri-los economicamente uma vez estabelecida a paz.

Vão ter um despertar doloroso! Escrevo como marinheiro mercante que tem navegado os sete mares em toda a sorte de embarcação e com toda a qualidade de tripulação. Muito antes de se pensar em guerra — pelo menos no que respeita aos Aliados — ninguém era amigo do «Fritz» marinheiro. Atrava-se-lhe muitas alcunhas, ainda que não deixava muitas vezes de ser bom marinheiro. Porém no castelo de prôa requere-se mais alguma coisa. Numa viagem de 150 dias fundam-se amizades e fazem-se inimigos. Nunca assisti á despedida da tripulação dum navio que não visse o «Fritz» afastar-se isolado! Concorde que, em geral, ele dispense com mais juizo o seu dinheiro; não apparece no outro dia no tribunal accusado de hebedo e desordeiro, como acontece a muitos. O «Fritz» podia servir de exemplo perene aos préjudicadores de temperança e aos fanáticos religiosos. Tem todas as qualidades, porém não tem a qualidade de conquistar amigos; isso nunca, pois ninguém se lia nele. Perguntai a qualquer mari-

nheiro, holandez, sueco, espanhol, norueguez, negro, elinez, sul-americano; toda a marinhada heterogenea do mundo, excéto a alemã, reconhece a boa camaradagem que existe entre marinheiros.

Isto foi nos tempos anteriores á guerra, antes de se instituir a moda de alundar navios sem aviso prévio, antes de se mandar fazer fogo a neutrais que proseguiam no seu commercio legitimo, antes de se torturarem as tripulações por um modo que, comparado com os tratos dados pelos antigos piratas dos mares spanhoes, laria destes uns feisaliados. Tal procedimento não se deixa passar levemente; não é facil esquecer. Além disso o marinheiro tem memoria tenaz. Pode não ter instrução, pode ser rude o seu modo de pensar, porém é completo. Um camarada ruim arranja logo uma reputação que o acompanha desde Shanghai até Suez, desde Stockholmo até Sydney. Os outros não o querem por companheiro, preferem abandonar o navio a seguirem viagem com ele. É isto é o que succede com um individuo. Todo o navio tem a sua individualidade que depende do capitão e dos immediatos: pode ser miseravel, pode ser feliz, etc. A natureza da tripulação depende da reputação do navio.

Pode-se accitar como certo que não existe no mundo todo um marinheiro que não conheça por experiencia propria a brutalidade alemã. Isto estende-se a todos os paizes maritimos. Aqueles que tiveram a sorte de escapar aos tiros e aos torpedos, travam conhecimento com

uma doença apelidada «nervos». A natureza humana resiste até certo ponto, depois sucumbe. Muitos marinheiros do mar alto estão hoje vencidos por essa doença — o que está bem autenticado e não causa admiração. Todos solfrem desse horroroso pesadêlo alemão dos mares profundos que vai deixando na memoria sinais indeleveis.

Que tente a Alemanha dar balanço ao seu credito. Poderá ella supôr que o «Fritz», tão mal visto antes da guerra, esteja em melhor situação depois? Poderá ella imaginar que aos marinheiros alemães será permitido navegarem com os das outras nações? Pode ser que o imagine! Psicologicamente ella nunca teve comprehensão. Porém eu vou responder-lhe: Espere-lhe um *boycottage* que a vai arruinar economicamente; um *boycottage* do qual só ella é culpada — o *boycottage* do «Fritz», imposto pela marinha mercante do mundo.

## 2.<sup>a</sup> parte

Do *boycottage* aos marinheiros da marinha mercante alemã imposto pelos marinheiros das outras nacionalidades ao embargo das mercadorias alemãs vai só um passo. É preciso que se compreenda bem uma vez por todas que esse passo é fácil e praticável. Para o transporte da sua industria depois da guerra, a Alemanha ficará dependente em grande escala dos navios neutrais e dos navios dos aliados. Ora a União dos Marinheiros e Fogueiros já provou que, dada a solidariedade, é possível impedir o transporte por mar de certos e determinados passageiros. O mesmo que se dá com individuos pode dar-se com mercadorias.

A ameaça do submarino é principalmente uma ameaça aos marinheiros de todas as nacionalidades, sem distinção de categoria emquanto a paiz, nem de localidade emquanto ao navio. Os navios do Brazil e da Argentina tem sido afundados sem aviso no mar alto, e ultimamente um navio espanhol foi torpedeado bem a dentro da pseudo zona de segurança. Estes factos não se esquecem. Também não será fácil esquecer o caso do vapor britânico *Mariston* que levava uma tripulação mixta. Foi metido no fundo sem aviso — o que não é novidade —, porém os marinheiros e fogueiros que lutavam nas ondas foram atacados por um grande bando de tubarões, e o comandante do submarino,

servindo-se do seu binoculo, observava a scena. Só se salvou um homem, o cozinheiro, que conta a historia. Um caso destes é o bastante para excitar a ira do mais pacifico; a imaginação facilmente fará comprehender como será recebida no castelo de prôa de qualquer navio em qualquer parte do mundo a narração deste episodio.

Não é necessario insistir no ponto — os marinheiros clamam por vingança; uma vingança por meio de embargo não só é justa e recta, mas é duma efficacia inflexivel. Considerai o assunto debaixo doutro ponto de vista. E' lêm sabido que a Alemanha, apesar-da guerra, está fabricando certos artigos com o fim de os enviar rapidamente, assim que se assinar a paz, para os paizes onde, não ha duvida, estão fazendo muita falta; contudo, é possivel passar-se sem eles, e se o passar sem esses artigos servir para provar á Alemanha o quanto ella é odiada, não se encontrará difficuldade. E' provavel que haja individuos prontos a receber esses artigos a bordo por amor aos proventos que esse negocio lhes traria. Ora, os marinheiros tem na sua mão o impedir isso, podem impedir todo o transporte tanto em navio neutral como em navio aliado, e assim destroe o commercio alemão exactamente no momento quando elle lhe será mais preciso — quando é questão de vida ou de morte para a prosperidade daquele paiz; pois a Alemanha conta com esse commercio para regularisar o valor do marco, hoje tão depreciado.



Como já tive occasião de dizer, a União dos Marinheiros e Fogueiros já provou a efficacia da sua organização e a excellencia da sua capacidade administrativa. Para eles o levar a effeito este embargo seria facilimo. Antes de sair dum porto neutral ou aliado, examinar-se-hia o manifesto do navio e quaisquer artigos de origem alemã teriam de ser postos em terra e detidos ou então a tripulação abandonaria o navio. Perante a lei civil esse acto representaria a deserção; porém estes tempos são estranhos e estão para vir coisas ainda mais estranhas. E quem condenaria um tal acto? Ele representaria literalmente a vontade do povo, a expressão recta e justa da sua colera contra a Alemanha por causa da brutalidade da sua conduta no mar.

Mas não acaba aqui. Ha mais um passo facil de dar, eficaz, esmagador, destruidor do commercio alemão. Podem-se fechar durante um certo periodo aos navios alemães todos os portos dos aliados e dos neutrais, e se os governos não estiverem de acordo sobre o assunto, a União dos Marinheiros e Fogueiros podem lançar um embargo ao carvão destinado a navios alemães. Isto traria uma situação desesperada á marinha mercante alemã e a bandeira alemã desapareceria dos mares que ela tem deshonrado.

Estes projectos não são inteiramente hypotheticos. Estão sendo discutidos a serio por todas as classes do serviço mercante desde o capitão até ao marujo. Pode haver differença de opinião sobre a intensidade da vingança; porém vai-se fortalecendo e estendendo a resolução que,

aconteça o que acontecer, a Alemanha tem de pagar a sua dívida aos marinheiros lesados. Todos conhecem a força duma combinação. Sem ostentação, porém sem cessar, vai crescendo o movimento — movimento cheio das mais desastrosas consequências para o futuro do imperio alemão. Nada traria tão rapidamente o seu desmembramento que uma crise commercial desta natureza. A organização militar é uma coisa, porém é preciso não tocar na algibeira da Alemanha, a algibeira da classe média. E' o ponto vital na vida da *Confederação alemã* e os marinheiros conhecem o facto.